

Modalização autonímica na divulgação científica: um olhar sobre o fazer de jornalistas do site da *Folha de S. Paulo* e de agências de notícia internacionais/ *Autonimic Modulation in Science Communication: a look into Journalists' Work in Folha de S. Paulo Online and in Some International News Agencies*

*Juliana Santos Botelho**

*Suelen Martins***

*Jerônimo Coura-Sobrinho****

RESUMO

O texto da divulgação científica lança mão de recursos discursivos variados para facilitar a compreensão de certas noções científicas pelo público não iniciado. O objetivo do presente estudo é evidenciar se, de fato, o recurso da modalização autonímica é um vetor da heterogeneidade discursiva nos textos divulgação científica e avaliar em que proporção ela aparece nos textos escritos por jornalistas da *Folha de S. Paulo* e de agências de notícia internacionais. Para tanto, empreendeu-se a análise discursiva de textos publicados nas sessões Equilíbrio & Saúde e Ciência, do site da *Folha de S. Paulo*. Surpreendentemente, verificou-se que a modalização autonímica é usada em igual proporção nos textos de jornalistas do *Folha de S. Paulo* e de agências de notícias, sugerindo um nivelamento da informação científica capaz de apagar as diferenças locais e globais nos modos de produção da notícia.

PALAVRAS-CHAVE: Divulgação científica; Modalização autonímica; Jornalistas; Agências de notícia

ABSTRACT

Science dissemination texts employ diverse discursive features aimed at facilitating the understanding of scientific concepts to a non-initiated public. This study aims to assess whether autonimic modulation is, in fact, a platform for discursive heterogeneity in science dissemination texts as well as to evaluate in what proportion it is present in texts written by Brazilian journalists from Folha de S. Paulo Online and journalists from international news agency. To do so, we analyzed a number of texts published in the sections Equilíbrio & Saúde [Balance & Health] and Ciência [Science] from Folha de S. Paulo Online. Surprisingly, we concluded that autonimic modulation is used in the same proportion in those texts, suggesting a high level of homogenization in the local and global modes of news production.

KEYWORDS: *Science Dissemination; Autonimic Modulation; Journalists; News Agencies*

* Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; julianasbotelho@gmail.com

** Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; susudaletras@gmail.com

*** Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; jeronimocoura@gmail.com

Introdução

A notícia de que a produção científica brasileira vem aumentando acima da média mundial nos últimos anos foi recebida com muito entusiasmo, não só pela comunidade científica local, como também pelos veículos de comunicação nacionais. Segundo dados divulgados pela empresa Thompson Reuters durante a 1ª Cúpula Thompson de Experiência com Inovação, organizada em São Paulo, no dia 31 de outubro de 2014, o Brasil passou da 24ª para a 13ª posição no ranking mundial, em um período de vinte anos (LEITE, 2014, p.1).

Que os jornais diários têm um papel fundamental na popularização do conhecimento gestado nas universidades brasileiras e nos centros de pesquisa já é ponto passivo. É por meio deles que um público não-iniciado toma conhecimento de pesquisas, descobertas, invenções e novas patentes que vêm sendo paulatinamente criadas nos centros de pesquisa no Brasil e no mundo. Contudo, em que medida os jornais de circulação nacional, por intermédio de seus jornalistas, têm sido capazes de estabelecer uma interlocução mais refinada com um público nacional cada vez mais interessado no noticiário de ciência permanece uma questão em aberto.

Este estudo pretende jogar luz sobre a atividade do jornalista responsável pela cobertura de ciência no Brasil e no mundo, visto como um agente crucial na tessitura do texto de divulgação científica. Para tanto, busca-se comparar os textos produzidos por jornalistas nacionais e por jornalistas provenientes de agências de notícias internacionais, no intuito de apurar os índices linguístico-discursivos que vêm sendo usados e que seriam, ao menos em princípio, capazes de evidenciar a heterogeneidade marcada e mostrada em matérias de divulgação.

Central para este trabalho é o conceito de modalização autonímica, recurso discursivo que mescla, no texto, vozes do especialista, do não especialista e do próprio jornalista, por ser este uma das principais marcas da heterogeneidade presente nos textos de divulgação científica. É neste sentido que se pretende investigar a modalização autonímica como marca utilizada pelo jornalista responsável pelas matérias de ciência, na medida em que ela é capaz de denotar heterogeneidade marcada e mostrada nas matérias de divulgação científica publicadas por jornalistas do jornal *Folha de S. Paulo* e nas matérias de agências de notícias internacionais. Até bem recentemente, isto é,

antes da onda de demissões em massa que vem assolando os jornais do país desde 2012 (FONSECA et. al., 2013), a *Folha de São Paulo* era considerada o jornal diário de circulação nacional com a melhor editoria de ciência do país¹.

Entendemos por “matéria de agência de notícias” aquela cujo texto é elaborado por jornalistas de agências internacionais, tais como Agence France-Presse (AFP), British Broadcasting Corporation (BBC) e Reuteurs, e publicada na íntegra em jornal local. Consideramos “matéria do jornal Folha de S. Paulo” aquela cujo texto sofreu alguma interferência de jornalista da redação local, sendo ela oriunda ou não de agência internacional². Para fins deste trabalho, levantou-se a hipótese de que, nos textos publicados no *site* da *Folha de S. Paulo* e produzidos por um ou mais jornalistas do jornal em análise, há tendência à utilização significativa de modalização autonímica em relação aos textos de agências de notícias internacionais. No entanto, com o empreendimento da análise quantitativa, da aplicação de testes estatísticos e, finalmente, da análise qualitativa dos textos, a hipótese inicial foi refutada, ficando comprovado que a proporção de uso de modalização autonímica é a mesma para textos produzidos tanto por jornalistas da *Folha de S. Paulo* quanto por jornalistas das agências de notícias internacionais.

Antes de passarmos à discussão dos dados, é necessário fazer um breve percurso sobre a função da modalização autonímica nos textos de divulgação científica e sua importância como índice de heterogeneidade discursiva.

1 Divulgação científica em perspectivas

Dentre diversos autores da Análise do Discurso Francesa, Jacqueline Authier-Revuz (1990, 1998, 1999, 2000, 2004) é, sem dúvida, uma das precursoras na reflexão

¹ Em estudo comparativo recente, envolvendo as coberturas de ciência de três jornais online – *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Hoje em dia* – entre 05/05/2013 e 05/05/2014, comprovou-se que a *Folha de S. Paulo* foi o jornal que menos recorreu às agências de notícia (nacionais e internacionais) ao longo deste período: 31,40% do total da cobertura de ciência é assinado por agências, contra 53,83% do jornal *O Globo* e 55,14% do jornal *Hoje em Dia*. Além disso, o jornal *Folha de S. Paulo* foi “o único jornal cuja presença de [informantes] brasileiros e estrangeiros é balanceada” (BOTELHO, PAIVA, GOMES, 2015, p.1317), ao passo que, nos outros dois jornais, os informantes estrangeiros são mais frequentemente citados. Estes dados nos permitem supor um viés mais local na cobertura de ciência da *Folha* em relação aos demais jornais e dão respaldo à hipótese inicial deste trabalho, segundo a qual haveria uma maior utilização da MA nos textos dos jornalistas da *Folha de S. Paulo* em relação aos jornalistas das agências de notícias.

² Para estabelecer esta distinção, foi observada a indicação de autoria no cabeçalho da notícia, seguindo padrão ditado por normais internacionais de direitos autorais.

sobre a importância do divulgador no compartilhamento de índices linguísticos utilizados pelo especialista e pelo não especialista. Para Authier-Revuz (1998, p.108), “nos numerosos textos de reflexão da DC, sobre ela mesma, a missão de ‘fazer penetrar no grande público os novos conhecimentos’ consiste em ‘colocar sob forma acessível ao público o resultado das pesquisas científicas’ [...]”. Os estudos da pesquisadora francesa não são voltados somente para o funcionamento, mas para o papel comunicativo do texto de divulgação científica: trazer informações novas da área da ciência para o público.

Para a autora, o texto de DC é uma prática de tradução: um discurso 2 é fornecido, sendo que a tradução – produto – substitui o discurso 1 como equivalente. A tradução pode ser tão “perfeita” a ponto de esconder que o discurso 2 resulta desse trabalho tradutório. É a partir disso que o discurso de divulgação científica é tecido como reformulação do discurso 1. Como tal, procedimentos linguístico-discursivos são adotados para que o discurso 2 ou de divulgação científica transmita os conhecimentos não sabidos pela coletividade.

Na prática, o divulgador executa duas tarefas árduas: disseminar a ciência e divulgar as descobertas na área. De acordo com Authier-Revuz, a passagem que ocorre de um discurso a outro funciona como uma dublagem que se forma simetricamente.

Os dois discursos mostrados como estranhos um ao outro, imagem no discurso do diálogo rompido entre a comunidade científica e a pública, são colocados em contato em um discurso um, na sua heterogeneidade, que institui a si próprio como um lugar de encontro – e não como um simples instrumento de transmissão (1998, p.121).

Porém, é preciso relativizar o exposto sobre a dublagem por Authier-Revuz, já que a voz do especialista pode ser dublada, ainda que, em tese, pelo divulgador para apresentar-se equivalente à língua do público. Não se pode, porém, pensar essa dublagem para o discurso oriundo do público que, em divulgação científica, não constitui citação. O que se tem são as chamadas marcas de compreensão que o jornalista tem do público-alvo. Dessa forma, é desfeita a ideia de simetria de vozes e a de que é possível, em divulgação científica, haver totalmente a troca de estruturas linguístico-discursivas próprias da ciência por outras do público.

Ainda sobre a divulgação científica, Authier-Revuz (1999), em seu artigo Dialogismo e divulgação científica, considera-a como um “gênero” particular das práticas de reformulação, como resultado dos discursos científico e pedagógico. Em seus estudos, a autora baseia-se na categoria heterogeneidade constitutiva ou mostrada e marcada, cunhada por ela a partir das noções de dialogismo de Bakhtin e dos pressupostos teóricos de Lacan, para pensar as particularidades da divulgação científica. Para fins deste artigo, interessa analisar as formas de heterogeneidade e suas implicações para a descrição da divulgação científica em momento oportuno. Sobre isso, Authier-Revuz (1999) afirma que

o conjunto das práticas de reformulação que – nos campos publicitário, político, pedagógico, por exemplo – produz um discurso segundo, em função do “alvo” visado, oferece um campo privilegiado ao estudo dos mecanismos do dialogismo, pela nitidez com a qual pode aí ser posta a dupla restrição do já-dito do discurso fonte (D1) e do destinatário do discurso segundo (D2). É claramente o caso da DC, que se atribui o papel de ‘colocar sob uma forma acessível ao público resultado das pesquisas científicas’ (p.10).

Resumindo o que foi proposto por Authier-Revuz, para a formação do discurso da divulgação científica, têm-se equalizados outros dois discursos como o pedagógico e o científico. O discurso pedagógico funciona como um manual do acontecimento, do objeto do artigo. No mesmo espaço do texto de divulgação científica há a presença do “nós”, que representa o divulgador e o leitor, bem como há o “eles” em contraposição. A divulgação científica realiza-se a partir da confluência de três lugares: o da ciência, o do público (ou o leitor), e, na mediação, o lugar do divulgador.

2 Heterogeneidade no discurso de divulgação científica

Para Authier-Revuz, é preciso abandonar o caráter homogêneo, fechado e repetível que permeava a concepção de língua como unidade de regras e combinações e reforçar a língua como articulada ao sujeito e ao mundo, não repetível, afetada pela subjetividade. Significa pensar que o fenômeno da heterogeneidade tem relação com a interação língua e discurso.

A autora, no âmbito da heterogeneidade constitutiva, parte das contribuições de Bakhtin no que tange às reflexões sobre dialogismo, para agregar ideias de Lacan sobre

o inconsciente, no campo da psicanálise. Lacan, em relação à língua e ao inconsciente, elenca duas funções típicas: a metonímica, ou a palavra pela palavra, e a metafórica, uma palavra por outra. Juntas, as contribuições de Lacan e Bakhtin³ nos permitem a compreensão de que todo discurso é heterogêneo. Ainda de acordo com essa vertente, a própria estrutura material da língua permite a manifestação da heterogeneidade.

Na concepção de Authier-Revuz, a heterogeneidade ganha caráter de não-coincidência do dizer. A primeira não-coincidência é a constitutiva da enunciação ou a não-coincidência do sujeito na linguagem. Apresentam-se como figuras variadas de resposta do enunciador ao encontro com a não-coincidência interlocutiva constitutiva. Essa não-coincidência discursiva representa a heterogeneidade constitutiva. Já a segunda não-coincidência é concebida a partir das formulações de Bakhtin no que diz respeito ao dialogismo, bem como em se tratando da teoria do interdiscurso. Reflexões sobre a presença da palavra estrangeira ou do outro são feitas nessa segunda concepção de heterogeneidade. Authier-Revuz corroborou a ideia de que todo discurso é permeado pelo discurso do outro. Essa noção destitui o sujeito do lugar absoluto na enunciação e instaura o seu papel como indivíduo que luta contra o seu não uno. Para Authier-Revuz (1998, p.23), “assinalando entre suas palavras a presença estranha de palavras marcadas como pertencendo a um “outro” discurso, um discurso esboça em si o traçado – assinalando uma interdiscursividade representada – de uma fronteira interior/exterior”. No que se refere ao discurso de divulgação científica, a maneira de dizer toma outra roupagem para um mesmo conteúdo ou abordagem.

A terceira não-coincidência está relacionada à heterogeneidade estabelecida entre a palavra e a coisa. Com essa não-coincidência, de acordo com Authier-Revuz (2000),

o que aparece aqui como o acoplamento de duas palavras não é mais da ordem do encontro de um discurso com outros discursos, encontro no qual a nomeação de um se encontra por certo relativizada, questionada, mas ao mesmo tempo fortalecida, afirmada em um posicionamento diferencial entre os outros; é no coração da nomeação do um, nas apreensões com a língua, com a falta e o excesso pelas

³ O conceito de heterogeneidade aproxima-se do conceito de polifonia, exposto no capítulo O romance polifônico de Dostoiévski e seu enfoque na crítica literária, em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2010b), mas não se confunde com ele.

quais ela afeta toda nomeação, que vai-se abrir o vão, a batida entre “suas” duas palavras (p.349)

Em outras palavras, essa não-coincidência concerne à forma de romper com a relação biunívoca entre as palavras e as coisas que são designadas por elas. Como exemplo tem-se a metáfora/analogia que estaria articulada com a falta de nomeação presente na não-coincidência entre palavra e coisa. A última heterogeneidade responde pela abordagem “monossemizante”. Essa forma de heterogeneidade abarca, para Authier-Revuz (2000, p.354), “o conjunto incalculável daquilo que polissemia, homonímia, trocadilho, paragramatismo sob todas suas formas põem em jogo no ‘cristal’ de uma língua dada”. É essa não-coincidência que, também, traduz a imagem do locutor se deparando com o equívoco em sua própria fala.

A heterogeneidade constitutiva é aquela que, não marcada, revela o outro porque é concebida no nível do interdiscurso e do inconsciente, o que faz com que ela se refira ao funcionamento real do discurso. Todo discurso possui indícios advindos do inconsciente e, certamente, as palavras que o sujeito pronuncia tiveram uma grande significação em outro tempo e espaço histórico, porém, esquecidas no inconsciente, são apreendidas por outras vozes, fazendo sentido em função de sua escolha no momento de uso em outro contexto.

Por outro lado, a heterogeneidade mostrada diz respeito à voz do outro inscrita no discurso. Segundo Authier-Revuz (1990), as formas da heterogeneidade mostrada são mecanismos que traduzem a ilusão de que o sujeito tem de domínio do discurso, dotado de escolhas, de intenções, de decisões. A heterogeneidade marcada, que apresenta o sujeito por meio de mecanismos enunciativos, fica evidenciada pelo discurso relatado, pela conotação ou modalização autonímica (glosas que nomeiam o estrangeiro, por exemplo). A autora ainda desmembra a heterogeneidade mostrada em duas: a marcada e a não marcada. As formas marcadas são o uso de aspas, o discurso direto, indireto e as glosas como modalização autonímica. Já as formas não marcadas são o discurso indireto livre, as alusões, a ironia e o pastiche.

As formas marcadas são aquelas que podem ser recuperadas no nível enunciativo, a partir de marcas linguísticas que sinalizam a presença de outra voz. Sendo essa heterogeneidade um processo intencional, é facilmente reconhecível, melhor dizendo, visível pelo uso das citações ou comentários, das aspas, do itálico, da

entonação, tipos de glosas. Essas aspas, segundo Authier-Revuz (1998), arquiformas de M.A.⁴ tanto como as alusões, o discurso indireto livre, o jogo de palavras não marcado, por exemplo, podem mostrar glosas que nomeiam o elemento estrangeiro no texto, como uma explicação para o que não é claro para o interlocutor. O aspeamento pode ser utilizado, também, para marcar a concordância entre dois interlocutores quanto à adequação de uma dada palavra num contexto. A autora designa também outra forma de heterogeneidade mostrada e marcada que é conotação autonímica, em que o fragmento designado como outro é integrado à cadeia discursiva sem ruptura sintática.

Para Authier-Revuz (1998), as frases incisivas são manifestações opacificantes mais livres do que os parênteses, que revelam quebra sintática, sem causar prejuízo ao sentido da sentença. Uma frase incisiva mostra a ruptura ou a suspensão sintática não significando restrição sintática das frases em que se inserem. Pelo contrário, a incisiva estabelece uma ligação entre o que está escrito antes e após o uso. A incisiva instaura a heterogeneidade e vem circunscrita no discurso escrito sob a forma de aspas ou parênteses.

A voz do outro fica evidenciada na superfície do texto, revelando a presença da alteridade, ou inserção do “outro” no discurso, que se explicita pela ruptura da unicidade aparente do discurso. Em termos de ruptura sintática, os apostos são representativos de quebra de unicidade aparente do discurso. É o que Authier-Revuz (1990) chama de autonímia simples, em que um fragmento mencionado é acompanhado de uma ruptura sintática, evidenciando a dupla enunciação.

Em síntese, a heterogeneidade - mostrada e marcada - é um lugar linguisticamente descritível assumido pelo outro, é forma recuperável no fio do discurso da palavra alheia. Já a heterogeneidade constitutiva é a inserção do outro, sempre presente, no discurso em toda parte. Apesar de se reconhecer a importância da colaboração dos tratados de Authier-Revuz, um ponto problemático em seus estudos diz respeito à ausência da heterogeneidade mostrada em certos gêneros como o texto científico e o dogmático. Ainda que esses gêneros sejam considerados secundários e, portanto, menos propensos ao aparecimento de outras vozes, há, na tessitura desses

⁴ M.A. significa modalização autonímica e ocorre, dentro do contexto, sob a forma implícita do dizer.

textos, algumas marcas de heterogeneidade. O próprio texto científico de Authier-Revuz constitui exemplo de que há nele heterogeneidade. Mesmo que a voz do sujeito enunciador tenha que ganhar força para efetivar a credibilidade e legitimidade das descobertas, a voz que antecede ou precede surgirá, ainda que discretamente, no fio do discurso.

Partindo do pressuposto de que a heterogeneidade discursiva é constitutiva do texto de divulgação científica, resta agora indagar se há ou não diferenças, em termos da presença de outras vozes, entre os textos produzidos por jornalistas da *Folha de S. Paulo* e por jornalistas de agências de notícias internacionais. Em princípio, acreditou-se que os jornalistas nacionais seriam, ao menos em princípio, mais instrumentalizados para representar as vozes dos seus públicos leitores. Mas esta hipótese não foi confirmada, como veremos a seguir.

3 Metodologia

Em termos de coleta de dados, privilegiou-se a pesquisa em ambiente virtual. O site pareceu constituir o *locus* ideal para se ter acesso aos dados, em função do fácil acesso promovido pelas novas tecnologias digitais. Antes de definir quantos textos comporiam o *corpus* de pesquisa e o perfil dessas matérias, procedeu-se a coleta de uma amostra piloto com um grupo de textos recolhidos durante o mês de fevereiro de 2012, no site da *Folha de S. Paulo*⁵, sessões Equilíbrio & Saúde e Ciência. Na concepção de Gil (2002), esse teste é significativo para a pesquisa, pois garante que os instrumentos gerem resultados confiáveis. Após o teste, chegou-se à conclusão de que, para compor o *corpus* final da pesquisa, deveriam ser coletadas 27 matérias dentre as quais 11 oriundas de agência de notícia, caderno Ciência; 6 textos de jornalistas do site da *Folha de S. Paulo*, caderno Ciência; 3 textos de agência de notícia, caderno Equilíbrio & Saúde; 7 textos de jornalistas do site da *Folha de S. Paulo*, caderno Equilíbrio & Saúde. O total

⁵ Todas as matérias que compõem o nosso corpus foram coletadas no site *Folha.com* no mês de fevereiro de 2012. Em junho do mesmo ano, o jornal migrou para o Portal *Universo Online* (Uol) e mudou de endereço eletrônico, tornando-se também um serviço disponível para os assinantes deste último. No entanto, é necessário frisar que já existia uma diferença entre as versões *online* e impressa do jornal *Folha de S. Paulo* antes mesmo da migração para o Portal UOL, estando algumas das matérias disponíveis exclusivamente para assinantes da versão virtual do jornal. Para os fins deste trabalho, iremos nos referir ao jornal na sua apelação mais genérica, qual seja *Folha de S. Paulo*.

de matérias coletadas nas duas sessões foi separado em cinco grupos: 1) matérias produzidas por jornalistas da *Folha de S. Paulo*, 2) aquelas oriundas de agências de notícias, 3) as matérias que são de colaboração externa, 4) as informações que apresentam links para o blog dos colunistas dos cadernos Equilíbrio & Saúde e Ciência, 5) informações postadas nos cadernos analisados, mas que não constituem matéria de divulgação científica.

Com as matérias coletadas e selecionadas, foi feita a análise linguístico-discursivo-textual dos dados. A Análise do Discurso Francesa foi utilizada como método analítico, uma vez que ela permite aceder à encenação linguageira na divulgação científica e porque leva em consideração a descrição de vozes que, segundo Rocha e Deusdará (2005, p.317), “ressoam, atravessam e abalam a ilusão de unidade que se apresenta nos enunciados” Essa perspectiva é providencial, pois o propósito da pesquisa é estudar a heterogeneidade discursiva mostrada e marcada por intermédio de índices de heterogeneidade, e refletir sobre como se processa a articulação de vozes no texto de divulgação. A Análise do Discurso Francesa também permite buscar na ponte entre a linguagem (plano interior) e psicossocial (plano externo) a razão para a instrumentalização de textos.

Sistematicamente, os passos adotados para a análise discursiva das matérias foram: primeiramente, a aferição da proporção de textos em que se utilizaram índices de heterogeneidade marcada e mostrada. Após esse passo, foi feito teste de hipótese (testes de Fisher e Qui-Quadrado), com a pretensão de avaliar se a proporção de uso de modalização autonímica é igual para jornalistas do site da *Folha de S. Paulo* e para jornalistas de agências de notícia internacionais e se essa proporção se altera segundo as editorias em que os textos são publicados.

4 Modalização autonímica e as incisivas nos cadernos Ciência e Equilíbrio & Saúde

Nesta seção, objetivamos caracterizar o modo de produção das matérias de divulgação científica assinadas por jornalistas da *Folha de São Paulo* e das agências de notícia internacionais tanto no caderno Ciência quanto no caderno Equilíbrio & Saúde.

O primeiro objeto de análise é o texto 1, Crocodilo pré-histórico descoberto em SP devorava raízes (LOPES, 2012a), escrito pelo jornalista Reinaldo José Lopes. A matéria tematiza a descoberta de fósseis de crocodilo na zona rural de Monte Alto, em São Paulo. Observou-se a seguir o texto 2, Estátua pode retratar uma gladiadora, diz pesquisa (LOPES, 2012b), também de Reinaldo José Lopes, que aborda a descoberta de uma estátua que pode representar uma gladiadora, de acordo com alguns estudiosos, ou também pode mostrar uma escrava, na concepção de outros. Já no texto 3, Índios de Rondônia vão vender carbono com selo verde (ANGELO, 2012), o sujeito comunicante Claudio Angelo traz informações sobre o faturamento de nova *commodity* da tribo dos paiter-suruís sob o viés da economia e sustentabilidade. Foi feita também a análise do texto 4, Telescópio ajuda a entender impacto de explosão solar sobre a Terra, da BBC Brasil (2012), que retrata como explosões podem danificar a atmosfera de um planeta em órbita, colocando em risco as vidas ao redor desse planeta.

Em É verdade que o ‘Caipirasuchus paulistanus’ tinha uma mordida poderosa, texto 1, publicado no caderno Ciência, o trecho entre aspas simples sugere que o jornalista marca a voz alheia por um tipo de modalização autonímica na qual se verifica a não-coincidência entre as palavras e as coisas, numa tentativa de aproximação da expressão que sinaliza espécie, no campo científico, em que é usado o latim (convenção científica) ao senso comum “caipirasuchus”, “caipira” e “paulistanus”, “paulistano”, no campo popular. Para Authier-Revuz (1998,p.19-20), uma das seis formas de modalização autonímica expressa-se pelo uso de sinais tipográficos, caso das aspas, caracterizadas como arquiformas da modalização autonímica. Essas aspas são, nesse caso, indicativas da heterogeneidade constitutiva do discurso.

Passagens do texto 2, tais como “estátua *pode retratar*”, “o braço erguido e a mão que segura um objeto [...] *sugerem* triunfo” e “estatueta da época romana *pode ser um dos poucos* registros de uma mulher gladiadora”, revelam modalização. O mesmo vale para os trechos do texto 3 “o líder da tribo, Almir Narayamoga, *estima* que o negócio possa gerar de R\$ 2 milhões a R\$ 4 milhões por ano” e “o *único* projeto apoiado pelo órgão federal é o dos suruís”. O divulgador se posiciona como alguém que afirma “se assim podemos afirmar”, o que revela uma não coincidência do dizer entre as palavras e as coisas. Segundo Authier-Revuz (2000, p.336), “em relação a X, no dizer do qual uma laçada como *se você quiser*, ou *por assim dizer*, por exemplo, abre, para

um espaço de não-coincidência entre uma palavra ‘enunciada’ e aquele a quem ela se dirige, ou o referente que ela nomeia, a configuração de multinomeação em X-Y [...]”. Essa modalização relativiza a informação e, ao mesmo tempo, protege a face do divulgador que não toma partido em relação à própria informação que presta.

A incisa, de acordo com Authier-Revuz (2004), uma ruptura sintática, aparece no texto 3 em excertos como “o dinheiro será aplicado em uma espécie de *‘fundo soberano’* para alavancar atividades econômicas”, “[...] os potenciais clientes dos suruús incluem empresas em busca de *‘créditos carismáticos’* para neutralizar emissões de seu processo produtivo”. As aspas acima, reveladoras da heterogeneidade mostrada e marcada, representam o jogo de vozes praticado pelo divulgador, que tenta traduzir novo conhecimento tomando emprestados termos empregados pelos especialistas. Esse uso foi observado também no texto 1 e remete ao caso da não-coincidência entre palavras e coisas. No texto 2, em “[...] o objeto é uma *‘sica’*, espada curta ou adaga recurva usada pelos gladiadores”, o termo marcado por aspas é explicado em um aposto entre vírgulas. Talvez o efeito visado pelo divulgador fosse o de cuidado por usar as palavras de diversos campos de onde provém a notícia. Sendo assim, podemos afirmar que o tipo de modalização que sobressai no texto 2 é o da não-coincidência do discurso consigo mesmo.

As incisas também podem aparecer sob a forma de apostos nos textos assinados por agências de notícia. No texto 4, a expressão “super flares” indica palavra estrangeira que foi explicada sob forma de aposto (superchamas, em tradução literal) por parte do jornalista da agência de notícia. Essa incisa, para Authier-Revuz (1998, p.101), estabelece ligação entre o que está escrito e aquilo que está após o seu uso. Segundo essa autora, a incisa está estreitamente articulada ao enunciado base por uma relação de referência que a ‘enxerta’ no ponto X da enunciação. Trata-se, aqui, de um caso de não-coincidência do discurso consigo mesmo.

Sobre as formas de marcar heterogeneidade discursiva, verifica-se que, em 36,37% das matérias formuladas por jornalista das agências de notícia, há uso de aspas. Há casos de modalização caracterizada por aspas para mostrar forma dialógica entre discursos distintos. O mesmo caso foi observado, nas matérias de jornalistas do *Folha.com* que, com o uso da modalização, almejam aproximar as vozes e os discursos

de especialistas e não-especialistas. Acerca dessa interferência discursiva, Bakhtin (2010a, p.297), no capítulo Os gêneros do discurso, afirma que “os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros”. A citação nos convoca a pensar que o discurso de alguém pode ser transpassado pelo discurso do outro e, nos textos em questão, esse processo de eco da alternância dos sujeitos fica evidente pelo uso de sintagmas nominais como “molécula olímpica”, “carbono reduzido”, “estranhas”, “olympicene”, “Carrington” e “super flares”. As expressões são do público científico, porém o divulgador as usa aspeadas para demonstrar o “empréstimo” que faz, sinalizando não serem palavras suas e marcar, ao mesmo tempo, distinção entre o uso de léxico do divulgador e o do especialista, assim como demonstrar solidariedade em relação à palavra alheia.

No caderno Equilíbrio & Saúde, analisou-se o texto 5 (NUBLAT, 2012b), Doenças causadas pelo cigarro matam 357 por dia no país, de Johanna Nublat, que traz estatísticas sobre a morte de fumantes e ex-fumantes, no Brasil, em decorrência de doenças pulmonares, cardíacas e câncer, além de revelar o valor das despesas do sistema de saúde com os doentes. No texto 6 (COLLUCCI, 2012), País investe em produção de células-tronco, a repórter Cláudia Collucci retrata a liberação de recursos para pesquisas e produção de células-tronco até então importadas. Além disso, afirma que Centros de Tecnologia Celular serão reestruturados e qualificados pelo governo.

As incisivas aparecem em 71,43% das matérias de jornalistas do *Folha.com*, nos exemplos a seguir enquanto formas de justaposição metaenunciativas, sob a égide de sinal de opacificação, como aspas ou parênteses. Importa-nos reforçar que a interpretação da justaposição metaenunciativa, em um texto, para Authier-Revuz (2004),

consiste em não estabelecer relações entre as ‘coisas’, X e Y, X ou Y, X, que é Y (ou, neste caso, às vezes, não unicamente), mas em colocar uma relação entre os dois elementos, fazendo intervir o plano das palavras, assimiláveis às relações estabelecidas pelas aposições, pelas relativas explicativas, pelas incisivas de reformulação explicitamente metaenunciativas [...]. (p.153).

A abordagem da autora nos permite pensar que a incisa pode representar, no mesmo plano, uma única palavra que é autoexplicativa por contemplar duas faces. Isso efetiva o caráter heterogêneo da palavra que serve a mais de um plano de significação. Essas aspas são marcas de que a voz que aparece é a do outro, neste caso, da ciência. As aspas ou incisas, em determinadas palavras, referem-se à dupla construção enunciativa. Nos textos 5 e 7, os jornalistas da *Folha de São Paulo* usam a palavra “chute” e a expressão “só dinheiro não ajuda” para revelar modalização autonímica, já que as vozes de Romeu Schneider e dos pesquisadores é evidenciada pela do divulgador. A seguir, há um quadro com exemplos do uso das aspas.

Título da matéria	Fragmento de aspas (incisa)
Doenças causadas pelo cigarro matam 357 por dia no país (NUBLAT, 2012b).	Romeu Schneider, presidente da câmara setorial do tabaco, classifica os números de “chute” [...].
Novo laser dos EUA promete destruir os ‘furinhos’ da celulite (VERSOLATO, 2012).	Uma nova arma contra a celulite tem causado empolgação nos EUA por prometer acabar de uma vez por todas com o aspecto “casca de laranja” de glúteos e coxas.
País investe em produção de células-tronco (COLUCCI, 2012).	Pesquisadores afirmam, no entanto, que “só dinheiro não ajuda”.
Projetos na Câmara podem pôr fim à proibição de fumo com sabor (NUBLAT, 2012a).	“Acredito que vão ficar com essas possibilidades em ‘banho-maria’ até chegar próximo do prazo para a entrada em vigor do banimento [...]”.
Venda de remédios em supermercado é alvo de críticas (RIGHETTI e MIRANDA, 2012).	Para ele, a medida foi “importada” de países como os EUA [...].

Quadro 01- Aspas (incisa) nas matérias de jornalistas do site da *Folha de S. Paulo* do caderno Equilíbrio & Saúde.

4.1 Proporção de modalização autonímica em matérias de divulgação científica nos cadernos da *Folha de S. Paulo*

Ao longo de nossa pesquisa, buscamos verificar como alguns índices de heterogeneidade ocorrem nos textos de divulgação científica produzidos por jornalistas do site da *Folha de S. Paulo* e por agências de notícia, nos cadernos Equilíbrio & Saúde e Ciência. Houve interesse em caracterizar o conjunto de textos a partir de suas particularidades do ponto de vista linguístico-discursivo. Além disso, tentamos verificar uma hipótese que ajudaria no entendimento da natureza qualitativa do *corpus*, a saber,

se os textos publicados no site da *Folha de S. Paulo* produzidos por jornalista da *Folha de São Paulo* tendem a trazer um trabalho mais expressivo com os índices de heterogeneidade como modalização autonímica.

Na tentativa de se verificar as hipóteses levantadas, empreendeu-se o teste de Fisher que consiste em verificar se a proporção de índices de heterogeneidade discursiva em textos de jornalistas da *Folha de S. Paulo* é igual para textos de jornalistas de agências de notícias internacionais. Isso seria a nossa hipótese nula. Foi usado um nível de significância de 0,05, que se refere ao erro máximo admitido para que não se rejeite essa hipótese nula.

No que diz respeito ao índice de heterogeneidade modalização autonímica, suscitou-se a possibilidade de haver proporção de modalização autonímica em textos de jornalistas da *Folha de S. Paulo* em relação aos textos de jornalistas de agência de notícia. Realizado o teste, verificamos que o p-valor é 0,9816, que representa o menor nível de significância que deveríamos adotar para rejeitar a hipótese nula. Como o nível de significância estabelecido foi de 0,05 e essa medida do p-valor foi maior do que o nível de significância, não se rejeitou a hipótese nula. Portanto, existem evidências para concluir que a proporção de modalização autonímica em textos de jornalistas da *Folha de São Paulo* é igual para os textos de jornalistas de agências de notícias dos cadernos Equilíbrio & Saúde e Ciência.

Jornalista	Tipo de Caderno		Total
	Equilíbrio & Saúde	Ciência	
Folha	17,14%	82,86%	100,00%
Agência	44,44%	55,56%	100,00%
Total	22,73%	77,27%	100,00%

Tabela 1 –Resultado de teste para proporção de modalização autonímica nos cadernos Equilíbrio & Saúde e Ciência.

No que diz respeito ao índice de heterogeneidade incisa, suscitou-se a possibilidade de haver proporção de incisa em textos de jornalistas da *Folha de S. Paulo* em relação aos textos de jornalistas de agência de notícia. Realizado o teste, verificou-se que o p-valor é 0,1515, que representa o menor nível de significância que deveríamos adotar para rejeitar a hipótese nula. Como o nível de significância estabelecido foi de

0,05 e essa medida do p-valor foi maior do que o nível de significância, não rejeitamos a hipótese nula. Portanto, existem evidências para concluirmos que a proporção de incisa em textos de jornalistas da *Folha de São Paulo* é igual para os textos de jornalistas de agências de notícias dos cadernos Equilíbrio & Saúde e Ciência.

Jornalista	Tipo de Caderno		Total
	Equilíbrio & Saúde	Ciência	
Folha	60,00%	40,00%	100,00%
Agência	14,29%	85,71%	100,00%
Total	33,33%	66,67%	100,00%

Tabela 2 – Resultado de teste para proporção de incisa nos cadernos Equilíbrio & Saúde e Ciência.

No que diz respeito à modalização como recurso que evidencia a heterogeneidade, viu-se que nos cadernos Ciência e Equilíbrio & Saúde, tanto jornalistas da *Folha de S. Paulo* quanto os das agências se valem desse recurso como forma de aproximar vozes ou justaposição metaenunciativa, marcar palavras estrangeiras (desconhecidas pelo público). Os jornalistas da *Folha de S. Paulo* e de agências de notícia, no caderno Ciência, e os jornalistas do site da *Folha de S. Paulo*, no caderno Equilíbrio & Saúde, usam a modalização marcada por sinal tipográfico, as aspas ou as incisadas.

Conclusão

Acreditava-se, antes da condução deste estudo, que as matérias de agências de notícia seriam mais genéricas, enquanto aquelas do site da *Folha de S. Paulo* seriam mais adequadas às especificidades dos públicos locais. No entanto, verificou-se que a modalização autonímica e incisa apresentam-se na mesma proporção tanto em textos de jornalistas do site da *Folha de S. Paulo* quanto em matérias de agências de notícia. Isso é comprovado pela precisão dos testes escolhidos e pela conciliação de métodos de base quantitativa como suporte para a análise qualitativa.

A constatação da falta de diferença no tratamento dos índices por parte dos jornalistas em matérias da *Folha de São Paulo* e de agências de notícia pode revelar um nivelamento no tratamento dado à informação, no sentido de se apagarem as distinções nos modos de produção de notícias de divulgação científica. Diferentemente do que havia se pensado no começo da pesquisa, talvez seja um equívoco afirmar que as editorias nacionais expressam formas distintas de tratar a divulgação de ciência. Diante deste resultado, cabe indagar se o jornalista brasileiro possui, de fato, um conhecimento mais refinado do público para o qual ele escreve. De qualquer forma, a análise do uso da modalização autonímica nesses textos revela que as matérias de agências de notícias internacionais são tão genéricas quanto aquelas da *Folha de São Paulo*.

Cabe também indagar as razões que estariam na origem desse nivelamento. Ora, sabemos que a demissões e o enxugamento das redações dos jornais têm afetado substancialmente a divisão de tarefas dentro da redação de jornais. O termo mais usado para descrever esta situação é o de “crise mundial”. Atrelada ao fenômeno da convergência tecnológica, tal crise vem alterando as rotinas produtivas internas, a distribuição dos jornalistas entre as diversas editorias de um mesmo jornal, bem como o tempo hábil usado para pautar, apurar e redigir uma notícia (NEVEU, 2006, p.63-68). No que se refere especificamente ao Brasil, alguns autores já haviam alertado para o fato de que a reorganização das rotinas produtivas causada pelas demissões caminhou, inexoravelmente, para um acúmulo de tarefas por um número mais restrito de profissionais do jornalismo (FONSECA *et al.*, 2013, p.1-2) ou pela diversificação das áreas de atuação dos jornalistas e dos cientistas, tais como os blogs científicos (ALMEIDA, 2013).

Resta saber em que medida a pouca proximidade dos jornalistas nacionais com seus públicos locais é mais uma expressão desta crise, no sentido de nivelar as formas de produção de notícia e o diálogo entre o especialista, o divulgador e seus públicos leitores. De qualquer forma, tal nivelamento ocorre, paradoxalmente, em meio ao aumento da produção científica nacional e deixa de explorar, concomitante, o universo linguístico de um universo de leitores cada vez mais ávidos por matérias de ciência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. A ascensão dos blogues de ciência. *Ciência Hoje online*, 02 jul. 2013. Disponível em: [<http://cienciahoje.uol.com.br/blogues/bussola/2013/07/a-ascensao-dos-blogues-de-ciencia>]. Acesso em: 20 mar. 2014.

ANGELO, C. Índios de Rondônia vão vender carbono com selos verdes. *Folha.com*. São Paulo, 09 de abril 2012. Disponível em: [<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/1073195-indios-de-rondonia-vaio-vender-carbono-com-selo-verde.shtml>]. Acesso em: 13 jan. 2016.

AUTHIER- REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, p.25-42, jul./dez.,1990. Disponível em: [<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3012/4095>]. Acesso em: 13 jan. 2016.

_____. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Editora Unicamp, 1998. Disponível em: [<http://pt.slideshare.net/moniquecominlosina/157105752-authierrevuzpalavrasincertaspdf>]. Acesso em: 13 jan. 2016.

_____. Dialogismo e divulgação científica. *Rua*, Campinas, n.5, p.9-15, mar. 1999. Disponível em: [<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640645/8193>]. Acesso em: 14 jan. 2016.

_____. Duas palavras para uma coisa: trajetos de não-coincidência. *Revista Universa*, v. 8, n. 2, p.333-359, jun. 2000.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Revisão técnica da tradução. Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a, p.261-306.

_____. O romance polifônico de Dostoiévski e seu enfoque na crítica literária. In: BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b, p.3-51.

BOTELHO, J. S.; PAIVA, D.; GOMES, R. D. Lacunas da cobertura de ciência no Brasil: transformando a crise em indicadores. In: *Congresso RedPop 2015*, 2015, Medellín. *RedPop Arte, Tecnología y Ciencia: nuevas maneras de conocer*, 2015. p.1311-1318. Disponível em: [<http://pt.slideshare.net/CorporacionParqueExplora/libro-redpop-2015-50527506>]. Acesso em: 10 ago. 2015.

COLLUCCI, C. País investe em produção de células-tronco. *Folha.com*. São Paulo, 17 de Abril de 2012. Disponível em: [<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1077306-pais-investe-em-producao-decelulas-tronco.shtml>]. Acesso em: 13 jan. 2016.

DA BBC BRASIL. Telescópio ajuda a entender impacto de explosão solar sobre a Terra. *Folha.com*. São Paulo, 18 de Maio de 2012. Disponível em:

[<http://www1.folha.uol.com.br/bbc/1092161-telescopio-ajuda-a-entender-impacto-de-explosao-solar-sobre-a-terra.shtml>]. Acesso em: 13 jan. 2016.

FONSECA, B. *et al.* A revoada dos passaralhos. *Pública*, 10 jul. 2013. Disponível em: [<http://apublica.org/2013/06/revoada-dos-passaralhos/>]. Acesso em: 13 jan. 2016.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEITE, M. “Em 20 anos, país vai da 24^a a 13^a posição em ranking de pesquisa”. *Folha de S. Paulo*, 01 de Novembro de 2014. Disponível em: [<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2014/11/1541834-em-20-anos-pais-vai-de-24-a-13-em-ranking-de-pesquisa.shtml>]. Acesso em 13 nov. 2014.

LOPES, R. J. Crocodilo pré-histórico descoberto em SP devorava raízes. *Folha.com*. São Paulo, 31 de Março de 2012(a). Disponível em: [<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/1069897-crocodilo-pre-historico-descoberto-em-sp-devorava-raizes.shtml>]. Acesso em: 13 jan. 2016.

_____. Estátua pode retratar uma gladiadora, diz pesquisa. *Folha.com*. São Paulo, 21 de Abril de 2012(b). Disponível em: [<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/1079394-estatua-pode-retratar-uma-gladiadora-diz-pesquisa.shtml>]. Acesso em: 13 jan. 2016.

NÉVEU, É. Crises e renovações do jornalismo. In: *Sociologia do Jornalismo*. São Paulo: Ed. Loyola, 2006, p.63-68.

NUBLAT, J. Projetos na Câmara podem pôr fim à proibição de fumo com sabor. *Folha.com*. São Paulo, 12 de Maio de 2012(a). Disponível em: [<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1089469-projetos-na-camara-podem-porfim-a-proibicao-de-fumo-com-sabor.shtml>]. Acesso em: 13 jan. 2016.

_____. Doenças causadas pelo cigarro matam 357 por dia no país. *Folha.com*. São Paulo, 31 de Maio de 2012(b). Disponível em: [<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1098161-doencas-causadas-pelo-cigarromatam-357-por-dia-no-pais.shtml>]. Acesso em: 13 jan. 2016.

RIGHETTI, S.; MIRANDA, G. Venda de remédios em supermercado é alvo de críticas. *Folha.com*. São Paulo, 27 de abril de 2012. Disponível em: [<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1082297-venda-de-remedios-emsupermercado-e-alvo-de-criticas.shtml>]. Acesso em: 13 jan. 2016.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. *Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória*. *Alea: Estudos Neolatinos* (Impresso), Rio de Janeiro, v. 7, p.305-322, 2005.

VERSOLATO, M. Novo laser dos EUA promete destruir os “furinhos” da celulite. *Folha.com*. São Paulo, 17 de Maio de 2012. Disponível em: [[HTTP://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1091686-novo-laser-dos-eua-promete-destruir-os-furinhos-da-celulite.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1091686-novo-laser-dos-eua-promete-destruir-os-furinhos-da-celulite.shtml)]. Acesso em: 13 jan. 2016.

Recebido em 15/06/2015

Aprovado em 10/03/2016